

À Voice of Young Science Network (VYSN).

Prezados Senhores,

Chegou até aos rincões da Amazônia, a condenação da promoção do uso de homeopatia que esta Instituição enviou à Organização Mundial de Saúde (OMS) para o tratamento de malária, tuberculose, AIDS, influenza e diarreia infantil em países em desenvolvimento.

Habitado à lide médica homeopática nos últimos trinta anos, recebi a comunicação com certa dose de humor. É que achei um tanto inusitada a recomendação de que não se faça o que um homeopata, definitivamente, nunca faz. Ele não trata doenças! Os Senhores podem elencar todo o conjunto de patologias existentes e todas as enfermidades que imaginam ainda venham a flagelar o ser humano. Listem tudo e advertam que não se promova o tratamento homeopático destas doenças.

A homeopatia, pasmem, trata pessoas! O medicamento escolhido para cada paciente não depende do nome da moléstia. Isso não significa que o profissional não deva proceder ao diagnóstico, pois constitui uma informação necessária ao acompanhamento da evolução do caso clínico. Entretanto, o quadro de sinais e sintomas que permite a prescrição terapêutica pode ignorar por completo se envolve uma tuberculose ou transtorno de personalidade, malária ou câncer, influenza ou síndrome do pânico, diarreia ou asma, depressão ou obesidade etc. etc.

Esta abordagem faculta ao homeopata intervir eficazmente em inúmeros pacientes quando a sintomatologia e os exames complementares não selam o diagnóstico, a exemplo dos distúrbios neurovegetativos e das chamadas alterações psicossomáticas. Ainda que sem gravidade na maioria das vezes, representam perturbações que afetam bastante a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Mas, nas doenças bem definidas e nas graves, o acompanhamento homeopático também resulta em benefícios para incontáveis doentes. A redução ou suspensão de medicamentos químicos em casos de hipertensão arterial, diabetes, epilepsia, dislipidemia, enxaqueca, transtornos psiquiátricos, dentre tantos outros, acontece de forma natural e segura. A melhora do paciente como um todo tende a se refletir nos sintomas mais exuberantes da pessoa, correspondentes à enfermidade. Isso se dá porque a doença nada mais é do que um desequilíbrio do quadro geral que se manifesta através da disfunção, progressiva ou não, de algum órgão ou aparelho.

E é pelo efeito reduzido a apenas um setor do organismo que as moléstias crônicas se mostram resistentes ao tratamento da biomedicina, tornando-o não

raro um simples paliativo, o que condena muita gente ao uso vitalício de medicamentos nem sempre baratos nem isentos de efeitos colaterais graves.

Prosseguindo na leitura do comunicado desta VYSN, deparo-me com outra afirmação que excita a curiosidade de qualquer homeopata: a promoção da homeopatia nesses países põe em risco a vida dos pacientes, que é complementada logo em seguida com: a homeopatia não protege as pessoas nem trata dessas doenças, para arrematar com esta afirmativa categórica: quando a homeopatia é usada em vez de tratamento efetivo, vidas são perdidas. Ora, para asseverar fatos e chegar a conclusões tão terminantes, os Senhores devem, por coerência com os princípios que cultivam, ter efetuado pesquisas científicas extensas e bem conduzidas. Seria um verdadeiro contrasenso que lídimos defensores da Ciência quais todos os Senhores, formulassem uma assertiva deste teor sem o devido e rigoroso embasamento que a ética exige. Desse modo, os homeopatas aguardam com ansiedade a divulgação das pesquisas que levaram estes nobres cientistas a tão drástico arremate.

Todavia, pesa sobre os autores desta comunicação à OMS, a suspeita de que não tenham promovido as indispensáveis perquirições que fundamentassem as conclusões intempestivas, porque não seria a primeira ocasião em que prestigiados cientistas abdicariam da própria filosofia da ciência para a condenação daquilo que não conhecem, não examinaram por si próprios e não foi alvo de suas ciosas observações. De repente, num gesto contraditório e insano, alguns de seus predecessores também rotularam a homeopatia de não ser científica, recorrendo a argumentos sem nenhum estudo ou investigação séria sobre a mesma. É imprescindível recordar o princípio estabelecido pelo Direito, preceituando que cabe à acusação o ônus da prova.

Vozes da Ciência, pesquisem a homeopatia! Convidem uma instituição homeopática de incontestável valor entre os homeopatas para realizar uma investigação em parceria, a fim de comprovar a nulidade ou inconveniência do tratamento homeopático, quer ao sul do Saara, quer ao norte da linha do Equador.

Talvez seja um tanto precipitado de minha parte, mas acredito que o nome da organização dos Senhores – Voice of Young Science Network – explique o impulso de condenar o que desconhecem: vocês são jovens. A juventude representa um período de grandes arroubos sem o fundamento necessário. São os entusiasmos esfuziantes que o tempo conduzirá à vereda da reflexão e da prudência. Provavelmente, os outros acusadores insensatos também eram imaturos, ainda que porventura idosos e bem-conceituados. Os poucos críticos que se aproximam da homeopatia, que a vêem de perto e tocam os seus meandros, enxergam-lhes as virtudes e aprendem pelo menos a respeitá-la.

Os discípulos de Samuel Hahnemann admitem que a ciência homeopática haja de se desenvolver ainda muito. Por conta disso, eles não deixam de recomendar aos seus pacientes o uso dos recursos e tratamentos convencionais, simultaneamente à medicação diluída, sempre que exista alguma indicação clássica. Foi-se o tempo em que se temia que a mistura com as drogas químicas bloqueasse os efeitos sutis do homeopático. Cada um atua no nível que lhe é próprio. Assim, o profissional da homeopatia sente-se muito confortável quando o paciente busca o suporte biomédico em paralelo. A adesão e gratificação dos usuários para com a terapêutica homeopática demonstram que o resultado encontrado suplanta suas eventuais limitações.

Enfim, os profissionais vinculados à homeopatia, bem como grande parte da população, possuem discernimento à altura para avaliar a eficácia e as deficiências desta abordagem terapêutica. Quando a medicina convencional oferecer aos pacientes tratamentos resolutivos, de baixo custo e sem risco de complicações importantes, não haverá motivo para se combater a homeopatia, pois ela não terá mais razão de existir. Até lá, os homeopatas se sentirão compelidos a minorar o sofrimento dos enfermos com as doses infinitesimais, cientes de que na história da humanidade alguns progressos exigiram séculos para obter o reconhecimento das douradas academias e de renomadas agremiações que, por vezes, se arrogam o papel de monopolizadores da verdade.

Gilberto Ribeiro Vieira

gilbertorv@uol.com.br

Universidade Federal do Acre